



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)



Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

Aline Ferreira Antunes
(Organizadora)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em
história 3

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 3 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-905-9

DOI 10.22533/at.ed.059211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disso, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disso, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O PIBID COMO MEIO DE FORMAÇÃO E INSERÇÃO DE TEMAS LIGADOS A DIVERSIDADE CULTURAL	
Pedro Luiz Teixeira de Sena	
Tallita Erthal de Oliveira	
Thiago Gonçalves Carminte	
DOI 10.22533/at.ed.0592119031	
CAPÍTULO 2	10
UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA	
Carolina Bitencourt Becker	
DOI 10.22533/at.ed.0592119032	
CAPÍTULO 3	23
OS DESAFIOS DO PEDAGOGO DIANTE DE ALGUMAS PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA, NOS ANOS INICIAIS, DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Elisangela Leite Gavenda	
Maralice Maschio	
DOI 10.22533/at.ed.0592119033	
CAPÍTULO 4	39
OS DESAFIOS QUE A BNCC DO ENSINO MÉDIO TRAZ PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: OUVINDO PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL	
Tuca Henrique Verçosa Carneiro de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.0592119034	
CAPÍTULO 5	51
PRÁTICA DOCENTE E ENSINO: O USO DO ESPAÇO DE MEMÓRIA DO <i>CAMPUS</i> DIANÓPOLIS PARA ENSINAR HISTÓRIA	
Michelle Melo Póvoa	
Debora Ribeiro Pereira	
Jorge Luís de Medeiros Bezerra,	
Antonio Guanacuy Almeida Moura	
DOI 10.22533/at.ed.0592119035	
CAPÍTULO 6	56
OS LIVROS DE HISTÓRIA DO COLÉGIO PEDRO II: REPRESENTAÇÃO E HOMOGENEIZAÇÃO DOS NEGROS (1914-1925)	
Cristina Ferreira de Assis	
Rhadson Rezende Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119036	
CAPÍTULO 7	68
SONHAR WAKANDA: REFLEXÕES SOBRE A ÁFRICA EM SALA DE AULA	
Marcia Guerra	
DOI 10.22533/at.ed.0592119037	

CAPÍTULO 8	76
A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL NAS PÁGINAS DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE SÃO PAULO: RETRATO DE NARRATIVAS EM DISPUTA	
Silene Ferreira Claro	
DOI 10.22533/at.ed.0592119038	
CAPÍTULO 9	89
RELATOS DE VIAGEM: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS NA HISTÓRIA DA ÁFRICA OCIDENTAL PRÉ-COLONIAL	
Lucas Aleixo Pires dos Reis	
DOI 10.22533/at.ed.0592119039	
CAPÍTULO 10	96
HISTÓRIA DO BRASIL = DESIGUALDADES SOCIAIS ESTRUTURAL POR COR OU RAÇA	
Valdeir de Oliveira Prestes	
Heitor Flores Lizarelli	
DOI 10.22533/at.ed.05921190310	
CAPÍTULO 11	107
COLEÇÕES DO ARQUIVO PÚBLICO DE ITABIRITO: RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA	
Marcelle Rodrigues Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05921190311	
CAPÍTULO 12	127
A UTILIZAÇÃO DO PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA	
Dayane Cristina Guarnieri	
DOI 10.22533/at.ed.05921190312	
CAPÍTULO 13	135
IMPRENSA COMO FONTE E AGENTE HISTÓRICO: USOS D'A <i>MATUTINA MEYAPONTENSE</i> PARA UMA HISTORIOGRAFIA DA DECADÊNCIA	
Matheus de Araujo Martins Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.05921190313	
CAPÍTULO 14	149
O FIM DO SEGREDO: TUDO O QUE DEPENDER DO SIGILO PARA EXISTIR IRÁ ACABAR	
Cesar Palmieri Martins Barbosa	
Ricardo Kubrusly	
Miriam Abduche Kaiuca	
DOI 10.22533/at.ed.05921190314	
CAPÍTULO 15	157
A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE COMPUTACIONAL PARA A LITERATURA GENERATIVA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA NA <i>CIBERLITERATURA</i>	
Thalita Biazuz Veronese	
DOI 10.22533/at.ed.05921190315	

CAPÍTULO 16.....	163
A VARIEDADE EPISTEMOLÓGICA NA PESQUISA DO CIENTISTA VITAL BRASIL: UMA ARTICULAÇÃO COM AS CINCO TESES DE CESAR LORENZANO PARA A HISTÓRIA DA CIÊNCIA	
Waldemar Menezes Canalli Rildo Pereira da Silva Tereza Luzia de Mello	
DOI 10.22533/at.ed.05921190316	
CAPÍTULO 17.....	170
DUAS HISTÓRIAS INDISCIPLINADAS PARA REPRESENTAR DIFERENTES ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA: O CABO MIDI E A EDIÇÃO NÃO LINEAR DE VÍDEO	
Marcia de Oliveira Cardoso	
DOI 10.22533/at.ed.05921190317	
CAPÍTULO 18.....	181
COZINHAS DE ESCRAVOS: COMIDA, SABORES E TRABALHO NO BRASIL	
Lorena da Conceição Querino Muchinski Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.05921190318	
CAPÍTULO 19.....	191
O IMIGRANTE ARABE E SUA COZINHA COMO INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE NA ATUALIDADE	
Alfredo Ricardo Abdalla	
DOI 10.22533/at.ed.05921190319	
CAPÍTULO 20.....	201
ALIMENTAÇÃO E HOSPITALIDADE NO RIO GRANDE DO SUL OITOCENTISTA A PARTIR DE NARRATIVAS DE VIAGENS	
Everton Luiz Simon	
DOI 10.22533/at.ed.05921190320	
CAPÍTULO 21.....	222
O CAFÉ RUY E O RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
Eliza Brito Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05921190321	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	236

CAPÍTULO 2

UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS AVALIATIVAS E A CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Data de aceite: 01/03/2021

Data da submissão: 08/12/2020

Carolina Bitencourt Becker

Universidade Federal de Santa Maria/UFSM,
PROFHISTÓRIA
São Sepé – RS
<http://lattes.cnpq.br/2900003211626446>

RESUMO: Este artigo apresenta uma parte da discussão que está sendo realizada na dissertação: Práticas Avaliativas de História e a Aprendizagem Significativa nos Anos Finais do Ensino Fundamental, em Escolas Municipais de São Sepé/RS. O problema de pesquisa é compreender em que medida as práticas avaliativas desenvolvidas e aplicadas pelos professores, na disciplina de História, influencia na construção de uma aprendizagem significativa. Para isso, realizamos neste artigo uma breve revisão bibliográfica sobre esta temática, trabalhando com o conceito de aprendizagem significativa, relacionando-o com o papel das avaliações na construção de uma aprendizagem significativa no Ensino de História.

PALAVRAS - CHAVE: Ensino de História - Práticas avaliativas - Aprendizagem Significativa

A LOOK AT EVALUATING PRACTICES AND THE CONSTRUCTION OF MEANINGFUL LEARNING IN HISTORY TEACHING

ABSTRACT: This article presents a part of the discussion that is being carried out in the dissertation: Evaluative Practices of History and Meaningful Learning in the Final Years of Elementary School, in Municipal Schools of São Sepé / RS. The research problem is to understand to what extent the evaluative practices developed and applied by teachers, in the discipline of History, influence the construction of meaningful learning. To this end, in this article we conducted a brief bibliographic review on this theme, working with the concept of meaningful learning, relating it to the role of assessments in the construction of meaningful learning in History Teaching.

KEYWORDS: History Teaching - Evaluative Practices - Meaningful Learning

INTRODUÇÃO

É necessário que se pense no papel fundamental do professor no processo de ensino-aprendizagem e na função que as avaliações desempenham nesse processo. Para isso, o professor tem que abandonar a roupagem tradicional, ligada a uma educação bancária, que segundo Paulo Freire (1996) é a prática em que o educador se percebe como a autoridade, o único conhecedor do conhecimento, esperando dos alunos que acumulem informações e reproduzam a cópia fiel do que ele ensinou em

sala de aula. Este tipo de aprendizagem também é conhecida como mecânica.

O educador precisa assumir uma postura libertadora e permitir ao aluno ser autônomo na construção do conhecimento, sendo ali o mediador desse processo. Incentivando a formação de um aluno crítico e reflexivo na prática, e não somente na teoria. Com isso, as avaliações aplicadas precisam ser pensadas como uma continuidade do processo de construção de aprendizagens significativas pelo aluno, e não como uma atividade-fim em que o objetivo principal é atingir uma nota mínima para ser aprovado na disciplina.

Atualmente, os discursos sobre aprendizagem na Educação trazem a aprendizagem significativa como objetivo a ser alcançado, porém, na prática, a aprendizagem continua muito mais mecânica do que significativa. Isso se percebe com clareza nas atividades avaliativas aplicadas aos alunos no fim de cada trimestre, por exemplo. O conceito de aprendizagem significativa tem sido utilizado de forma superficial, sem que a maioria dos educadores compreenda o que a teoria significa. Por isso é importante compreendermos o que é aprender de forma significativa.

Nesse contexto, esse trabalho se propõe a apresentar uma parte da discussão que está sendo realizada na dissertação: Práticas Avaliativas de História e a Aprendizagem Significativa nos Anos Finais do Ensino Fundamental, em Escolas Municipais de São Sepé/RS. Realizamos uma breve revisão bibliográfica sobre esta temática, trabalhando com o conceito de aprendizagem significativa e o papel das avaliações na construção de uma aprendizagem significativa no Ensino de História.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E AS PRÁTICAS AVALIATIVAS

Para trabalharmos o conceito de Aprendizagem Significativa, criado por David Ausubel, ainda nos anos 1960, utilizaremos aqui, prioritariamente, os trabalhos do professor Marco Antonio Moreira, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/RS, que tem vasta pesquisa sobre o assunto aplicado em sala de aula, relacionando ensino e aprendizagem.

Foi o pesquisador norte-americano David Paul Ausubel (1918-2008), que construiu o conceito de Aprendizagem Significativa. Segundo ele, a chave para a aprendizagem significativa é o conhecimento prévio do aluno, que Ausubel chamava de *subsunçor* ou *ideia âncora*. Assim, a aprendizagem significativa somente é possível quando um novo conhecimento se relaciona de forma substantiva e não arbitrária ao conhecimento que o aluno já possui. “Substantiva quer dizer não literal, não ao pé da letra”, entendendo o conhecimento em sua essência, “e não arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito”, sem a arbitrariedade da simples memorização. (MOREIRA, 2012, p. 2).

Progressivamente os conhecimentos prévios vão ganhando maior estabilidade cognitiva e se diferenciando, diversificando seus significados, podendo cada vez mais

facilitar novas aprendizagens significativas. E, nesse processo, o papel do professor é fundamental, pois é ele que prepara as situações que levarão ao processo de ensino-aprendizagem, levando em conta a história de cada sujeito ou de cada aluno.

Assim, segundo Moreira (1997, 2012), Ausubel afirma que há duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra, uma questão é o conteúdo que será ensinado, através do material de aprendizagem, que precisa instigar a curiosidade do aluno e a outra questão é o estudante que tem que estar disposto a aprender, não de forma arbitrária. Diante disso, é fundamental repensar as práticas avaliativas que utilizamos em sala de aula, pois são elas que, na maioria das vezes, dão sentido para que o aluno queira aprender.

Considerando a questão das avaliações na efetivação de aprendizagens significativas, é preciso que se leve em conta que o foco deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados obtidos:

A aprendizagem significativa é progressiva, a construção de um subsunçor é um processo de captação, internalização, diferenciação e reconciliação de significados que não é imediato. Ao contrário, é progressivo, com rupturas e continuidades [...]. [...] um processo que envolve uma negociação de significados entre discente e docente e que pode ser longo. (MOREIRA, 2012, p.13)

Se a construção da aprendizagem significativa se dá em um processo contínuo, as avaliações realizadas em sala de aula também devem ser contínuas, sem ênfase em uma avaliação preponderante ao final do semestre/ bimestre ou trimestre. A avaliação deve ser vista como um momento de diagnosticar os avanços e dificuldades do processo da construção da aprendizagem e não como uma atividade-fim. Não adianta mudar as metodologias se as formas de avaliar os alunos continuar sendo as mesmas de 30 ou 40 anos atrás.

Essa mudança irá ocorrer quando o contexto escolar como um todo for participativo e reflexivo frente a sociedade que já não é mais a mesma de antes:

No cotidiano escolar a avaliação é muito mais behaviorista do que construtivista e determina largamente as práticas docentes. O contexto (administradores escolares, pais, advogados, a sociedade em geral) exige “provas” de que o aluno “sabe ou não sabe”. **Esse tipo de avaliação baseada no sabe ou não sabe, no certo ou errado, no sim ou não, é comportamentalista e geralmente promove a aprendizagem mecânica, pois não entra na questão do significado, da compreensão, da transferência.** Se o aluno sabe resolver um problema, sabe definir algo, sabe listar as propriedades de um sistema, está bem mesmo que não tenha entendido o problema, a definição ou o sistema. (MOREIRA, 2012, p. 23-24, grifo nosso).

De fato, a avaliação da aprendizagem significativa é mais difícil, pois implica uma nova postura frente à avaliação. Para que as práticas avaliativas sejam significativas a abordagem deve ser outra “porque o que se deve avaliar é a compreensão, captação de significados, capacidade de transferência do conhecimento a situações não conhecidas,

não rotineiras”. (MOREIRA, 2012, p. 24).

É preciso olhar para o que cada aluno já sabe (conhecimento prévio) e para suas reais necessidades e, isso significa olhar para a prática e para a teoria que sustenta essa prática, articulando-as com a dinâmica do trabalho em sala de aula. Superar os conteúdos desvinculados da prática social dos alunos e a metodologia passiva, uma vez que o professor, pela avaliação, vai acompanhar a construção da aprendizagem do aluno na perspectiva de superação do senso comum, transformando a aprendizagem em significativa. (VASCONCELLOS, 2005).

Marisa Noda afirma que o ensino, a aprendizagem e a avaliação precisam estar em sintonia, e que a avaliação faz parte do processo, não é algo isolado, e muito menos a última etapa do processo. A avaliação serve de subsídios para o professor verificar se está atingindo os objetivos propostos por ele no planejamento, e quais os conhecimentos que precisa articular para atingir e de que forma a metodologia está auxiliando ou não. Dessa forma a avaliação deve servir como diagnóstico da situação de ensino e aprendizagem escolar. (MONTEIRO, 2001 apud NODA, 2005).

A avaliação é um meio ou recurso para verificar se a aprendizagem ocorreu ou não, ou seja, tem função diagnóstica. Ela está a serviço da prática pedagógica como um mecanismo social que busca superar as contradições existentes na sala de aula, tentando dar autonomia ao aluno. O professor não deve fazer uso autoritário da nota, e sim, através de novas práticas concretas, mostrar ao aluno que, se ele aprender, a nota virá como consequência. E as avaliações devem utilizar metodologias participativas. Dessa forma a avaliação será emancipatória e servirá para construir um aluno crítico e reflexivo. (VASCONCELLOS, 2005).

Hoffmann explica que a contradição entre o discurso e a prática de alguns educadores e sua ação classificatória e autoritária exercida, encontra explicação na concepção de avaliação do educador, reflexo de sua história de vida como aluno e como professor. Um aspecto dessa contradição começa na universidade, em que a disciplina avaliação praticamente inexistente nos cursos de pedagogia do Brasil. Muitos professores reproduzem em sua prática pedagógica em sala de aula, influências de sua formação desenvolvida numa visão tradicional e classificatória da avaliação, inclusive na sua formação universitária. (2001, p.12).

Para Hoffmann, os professores tradicionais têm as provas e notas como “redes de segurança” para o trabalho docente, e essa ideologia já está impregnada no sistema de ensino. “Se esse paradigma de qualidade escolar a partir de notas classificatórias não mudar nunca nos focaremos no verdadeiro objetivo da escola, que é educar”. O sucesso do aluno na escola tradicional não representa o seu desenvolvimento máximo, pois há várias contradições nesse modelo de avaliação, e “o maior exemplo disso é quando alunos tachados de ‘ruins’ tornam-se excelentes profissionais, enquanto outros alunos ‘excelentes’ não conseguem se encaixar na sociedade e no mercado de trabalho”. (2012, p. 13-34)

Para que a intervenção pedagógica do professor seja mais consistente e significativa, este deve se questionar permanentemente sobre a trajetória de cada aluno e procurar compreendê-lo na sua individualidade, sem deixar de observar todo o grupo, ajustando continuamente as suas ações educativas. Além de se colocar diante do processo educativo como sujeito crítico e reflexivo e que também precisa ser avaliado continuamente, em busca de melhorar sua prática profissional.

A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Partimos do campo da Educação Histórica, em que para Schmidt e Urban (2016, p. 13), na área do ensino de História, a preocupação destes investigadores, que baseiam suas pesquisas “na necessidade de conhecimento sistemático sobre as ideias históricas dos estudantes”, é fornecer subsídios para que as intervenções didáticas (entre elas a avaliação), realizadas no processo de ensino, possam “dialogar com os princípios, fontes e estratégias de ensino identificados com a epistemologia da História”.

As pesquisas nesta área se preocupam na formação de um aluno que se perceba sujeito da história, com consciência de si e do seu papel frente à sociedade em que vive, constituindo uma consciência histórica¹. Para o pensador alemão Jörn Rüsen, a consciência histórica não é uma construção exclusivamente escolar. Ela é inerente ao ser humano e se faz presente fora do saber histórico obtido em sala de aula, pois não se limita a ideia de conhecer as experiências do passado. Mais do que dominar os acontecimentos do passado, a consciência histórica articula presente, passado e futuro.

É indispensável a necessidade do professor da disciplina de História dialogar com o conhecimento prévio do aluno e, de tal forma, promover novas possibilidades de orientação para a vida a partir daquilo que já foi vivenciado. Construindo assim aprendizagens significativas para a vida do educando. É importante entendermos que o fato dos acontecimentos históricos trabalhados em sala de aula se tornarem ou não aprendizagens significativas, é uma experiência particular, pois o ato de lembrar ou esquecer as histórias passadas é uma decisão individual: são as memórias que construímos. E é ela que orientará o presente e a perspectiva de futuro, dando sentido a História. (RÜSEN, 2009, p.164).

A reflexão exposta na tese de Regina Célia Alegro, sobre a aprendizagem significativa, assume como pressuposto que a teoria de David Ausubel, admite a ênfase no processo de aprendizagem como processo de atribuição de significado e sentido e que as características dos conhecimentos prévios são determinantes para novas aprendizagens. Enquanto isso, a teoria de Rüsen salienta que essa experiência de atribuição de significado e sentido se dá de um modo particular na aprendizagem histórica, pois não se trata de apenas juntar saberes e implica uma maneira de pensar e elaborar informações sobre

¹ Estamos compreendendo consciência histórica a partir de Rüsen: “(...) quando se entende por consciência histórica a soma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de tal forma que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo”. (RÜSEN, 2010a, p.57).

os feitos humanos no tempo e no espaço que contribui para a formação da consciência histórica. É um processo de cognição específico, expresso pela narrativa histórica. (2008, p.17).

Algumas categorias são importantes na análise do Ensino de História, como o tempo histórico. Para Seffner, uma aprendizagem significativa em História deve começar com boas indagações sobre o tempo presente. Para que uma proposta pedagógica vise construir aprendizagens significativas em História, seriam necessários dois movimentos básicos: selecionar da realidade atual temas e questões relevantes e buscar na história elementos para melhor compreendê-los, auxiliando o aluno a entender melhor o seu presente e “traçarem com mais lucidez suas carreiras futuras”. (2013a, p. 31-32).

No artigo de Fernando de Araujo Penna a metodologia proposta foi a identificação dos professores que conseguem tornar o ensino de História significativo para os alunos. A hipótese central da pesquisa é que a maneira como o professor trabalha o tempo histórico é determinante no sucesso em propiciar uma aprendizagem significativa em História. A historiografia contemporânea traz a ideia de que “toda história é história do presente”. Ou seja, qualquer professor que precisa explicar uma revolução do passado e suas mudanças na sociedade poderá partir de uma “discussão sobre as manifestações que começaram a abalar o nosso país em 2013 e ainda estão em curso”. Os diferentes modos como podem ser estabelecidas no presente, as relações entre o passado e o futuro, formam as múltiplas concepções do que seria o tempo histórico. (PENNA, 2014, p. 6).

As produções do professor Seffner (2013a, 2013b), que se preocupam com as aprendizagens significativas no Ensino de História, trazem alguns critérios que permitem tanto avaliar atividades já realizadas para o ensino de História quanto orientar a construção das mesmas, no sentido de que se constituam como práticas capazes de gerar aprendizagens significativas para os alunos. Porém, o autor não define quais os referenciais teóricos e bibliografias que ele utiliza para definir o que é para ele o conceito de aprendizagem significativa.

Os critérios discutidos por ele são: reconhecer e valorizar o saber que os alunos já possuem; reconhecer se a aprendizagem serve para modificar, de alguma forma, impressões e opiniões que o indivíduo tem a respeito da situação presente; permanecer bastante tempo num único tema, estabelecendo numerosas relações a partir dele, inclusive com auxílio de questões do mundo contemporâneo; operar com conceitos e nomeações; entender que os conceitos estão muitas vezes materializados em instituições que nos governam, e que devem ser estudados, conhecidos e visitados se possível; quando lidamos com diversidade de fontes de leitura e pesquisa, tanto para consulta do aluno quanto do professor; usar das tecnologias; a diversidade de atividades desenvolvidas em sala de aula; utilizar as questões do presente para extrair boas propostas de estudo do passado, articulando o estudo do passado com o presente, cuidando o anacronismo, além de dar um sentido de funcionalidade para o ensino de História; o desenvolvimento de habilidades

e competências; toda a atividade deve gerar uma produção autoral pessoal do aluno; uma situação estudada deve ser uma situação complexa; a busca da interdisciplinaridade e do diálogo principalmente, entre Geografia e História; os alunos precisam ter boa aceitação, boa receptividade às atividades propostas, podendo sugerir tópicos e apresentar os trabalhos da forma como os agrada, negociando; preparar atividades de diálogo entre alunos e professores, estimulando a argumentação e o confronto de pontos de vista; o professor tem que ter um bom ouvido e estabelecer sintonia com a turma, além de buscar ser um adulto de referência para seus alunos, exercendo a função de professor e coordenador das atividades; toda a atividade deve ser estruturada sobre critérios claros para os alunos, do que vai ser feito e critérios de avaliação da aprendizagem.

Seffner elencou estes critérios em que ele espera criar possibilidades aos professores de interrogar-se de maneira crítica e construtiva sobre o seu trabalho desenvolvido em sala de aula, e tente aperfeiçoá-lo. Os critérios indicam apenas uma direção que se considera a mais adequada, mas aplicá-los depende das possibilidades dos diferentes contextos das salas de aula e do estilo pessoal de cada professor.

O trabalho de Livia Scheiner (2012) também traz reflexões sobre a Aprendizagem Significativa Crítica no Ensino de História, através dos escritos de Marco Antonio Moreira (2000)², apresentando, assim como Seffner (2013a, 2013b), sugestões de como preparar atividades significativas para a sala de aula, com critérios ou princípios que seriam relevantes para a construção de atividades significativas em História. Suas reflexões advêm de um projeto no Laboratório de Humanidades do Colégio Pedro II (Labhum), em Niterói.

Scheiner, utilizando os recentes trabalhos de Moreira, traz os seguintes critérios que o professor precisa utilizar para proporcionar aprendizagens significativas, como: o princípio do conhecimento prévio; o princípio da interação social e do questionamento; o princípio do diálogo com materiais variados e distintos, abordando diferentes linguagens; o princípio de que o aluno é “preceptor/ representador da realidade”, e com isso passaria a “mobilizar ideias fundamentais a respeito de como se aprende ou como se produz o conhecimento”; e o quinto princípio, o do conhecimento como linguagem. (Scheiner, 2012, p.29).

Utilizando esses princípios para preparar atividades significativas em História, Scheiner analisa que os alunos irão desenvolver a habilidade de reconhecer, diante dos materiais analisados, que ele é o sujeito que atribui significados ao mundo que o cerca e que estas são representações para se pensar a realidade. A listagem de critérios trazida acima por Seffner (2013a, 2013b) e Scheiner (2012) são ferramentas essenciais para que o professor da disciplina de História pense e repense a sua prática didática e metodológica, a fim de se atingir a aprendizagem significativa.

Usando da ótica dos indicadores de uma aprendizagem significativa, apresentados

² Ver mais em: MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa crítica. 2000. Conferência proferida no III Encontro Internacional sobre aprendizagem Significativa. Lisboa (Peniche), 11 a 15 de set. 2000. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigcritport.pdf>> Acesso em: 15 set. 2018.

por Seffner (2013a, 2013b), Deise Angélica Pasquali Bascheira (2015), utiliza a interdisciplinaridade como forma de atingir uma aprendizagem significativa. Em relação a aprendizagem significativa no ensino de História, Bascheira (2015) toma por base alguns critérios defendidos por Seffner (2013a, 2013b), ou seja, aqueles que defendem as práticas interdisciplinares, o uso de conceitos, um trabalho que estimule o desenvolvimento de competências e habilidades, o uso de diversas fontes em sala de aula, além do estímulo advindo da realização de procedimentos de pesquisa nas atividades realizadas em sala de aula.

Todos esses aspectos levantados até aqui são importantes para buscarmos a aprendizagem de forma significativa no Ensino de História, assim como também é fundamental definir a função dessa disciplina na Educação Básica, e utilizar essas questões na prática pedagógica, a fim de que atinjamos a efetivação de uma aprendizagem significativa.

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E AS PRÁTICAS AVALIATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Seffner (2013a) coloca que a vida profissional de um professor é perseguida por duas questões pedagógicas importantes: será que o aluno está aprendendo e será que isso vai fazer alguma diferença na vida dele? Questões difíceis de responder. Para o autor, a primeira talvez fosse fácil de solucionar, bastaria fazer avaliações e verificar se o aluno sabe ou não o conteúdo. Porém, não é o suficiente, a dúvida permanece, pois no próximo trimestre, o aluno que tirou notas boas, já não se lembra de mais nada do conteúdo estudado, o que denota que não foi uma aprendizagem significativa. Isso reflete na falta de segurança do professor em se as estratégias pedagógicas empregadas permitem alcançar aprendizagens significativas e acarreta em um problema bem atual:

Em vista das dificuldades, muitos professores terminam abrindo mão de se indagar acerca dessas duas grandes questões, o que implica certo **apego ao programa e aos conteúdos já definidos no livro didático**, levando adiante seu ensinamento e **não abrindo espaço para questionamentos acerca da possível utilidade ou relevância do que está sendo ensinado**. Esta postura é ruim tanto para os professores que perdem a autonomia docente e aparecem frente às classes de alunos como **meros retransmissores de um conteúdo definido em outras instâncias**, quanto para o alunado que passa a considerar que a escola da vida é mais importante do que a vida na escola. A professora traz para o debate informações do mundo da ciência, que muitas vezes efetivamente não fazem parte do cotidiano dos alunos, mas se estas informações não ganham sentido na vida dos alunos, corre-se o risco de que os alunos concluem que a escola não é feita para eles. (SEFFNER, 2013a, p. 29-30, grifo nosso).

Essa citação nos leva a perceber que pelas dificuldades encontradas, muitos professores acabam tomando decisões que estimulam a aprendizagem mecânica e não a

significativa. Para Seffner (2013b), o tema das aprendizagens significativas em História é muito controverso. Porém, uma das poucas questões em que a maioria concorda é que a prática de memorização não constrói uma aprendizagem significativa.

Na análise de Scheiner, utilizando os trabalhos de Moreira (2000), optar pela produção de aprendizagens significativas críticas é estar voltado para a superação da “memorização e das práticas como as verdades absolutas, as respostas certas, as relações de causalidade simples e identificáveis, as tradicionais dicotomias (bom/ruim; bem/mal; centro/periferia; pobreza/riqueza, etc.)”. (2012, p. 27)

Dessa forma, as avaliações realizadas em sala de aula precisam ser repensadas, a fim de que atinjam os objetivos de construção de aprendizagens significativas na disciplina de História, que não seja apenas um produto final com “um conjunto de informações sobre processos e eventos históricos”. A avaliação é elencada por Seffner como um dos critérios que devemos utilizar para construir ou identificar as condições de aprendizagem significativa em História.

A avaliação é um processo de análise de todos os sujeitos envolvidos, não somente centrada no desempenho dos alunos como é comum vermos. Ela deve ser processual e buscar antecipar as decisões. “Ou seja, não deve ser feita apenas ao final de um processo, quando já não mais podemos introduzir modificações de rota nele, mas ao longo das diferentes etapas”. (SEFFNER, 2013b, p.62-63).

Para que uma atividade produza aprendizagem significativa é fundamental que o processo de avaliação seja permanente e sério, e deve deixar claro ao aluno, desde o princípio, o que vai ser feito em sala de aula e quais serão os critérios utilizados pelo professor para realizar a avaliação da aprendizagem.

Pensando algumas possibilidades de pensar a avaliação de forma significativa, ele sugere que os trabalhos avaliativos devem ser recolhidos e em seguida devolvidos. Isso ajudaria a manter um ritmo de aprendizagem. “Se não tiver tempo de ler, nem recolha”. É preferível ler poucos trabalhos bem escritos, mas com atenção, fazendo comentários. (SEFFNER, 2013b). Este *feedback* auxilia a construir aprendizagens significativas.

Outra possibilidade de construir aprendizagens significativas no ensino de História é avaliar através de uma produção autoral pessoal em cada atividade, feito em sala de aula, sem consulta. Assim, a avaliação deve ser processual, gradual. Essa produção pode ser escrita, desenho, história em quadrinho, música, etc. Para Seffner, o ideal é que se guardem essas produções ao longo do ano para que o aluno, ao final, tenha a possibilidade de se autoavaliar. Estas produções devem ter conexão com as fontes trabalhadas em aula. Podem ser opinativos, mas com argumentação, dialogando com o que foi debatido. E não precisa ser longo, “melhor cinco linhas autorais do que cinquenta copiadas do livro”. (2013a, p. 39-40).

Sobre a avaliação no trabalho interdisciplinar, Bascheira (2015), coloca que nessa perspectiva de trabalho a avaliação do professor deve considerar a criação de um roteiro de

acompanhamento para que os alunos registrem a cada semana os estudos que realizaram, assim, através da observação do professor, “poderiam ser discutidos os problemas a serem enfrentados, os avanços que conseguiram realizar, as barreiras a serem transpostas e as alternativas possíveis.” (2015, p.108).

Noda discute os tipos de avaliação para a disciplina de História do Ensino Fundamental e Médio. A avaliação, por ela, é entendida como parte do processo, em que os alunos constroem seu próprio conhecimento histórico, a partir de procedimentos desenvolvidos pelo professor em sala de aula. Ponto que também foi dada atenção é o significado do planejamento para que uma avaliação comprometida com a aprendizagem se realize. O planejamento é o momento de reflexão do educador, um momento em que ele precisa ter a visão global de todos os agentes que interferem e influenciam o processo de conhecimento. (2005, p. 144).

Entre as diversas metodologias possíveis no ensino de História, ela sugere o método da investigação, pois ele não despreza o conhecimento trazido pelo aluno: ao serem relevadas as concepções dos alunos, os erros não devem ser objetos de punições, mas pontos de partida para a elaboração de conhecimentos mais complexos. O trabalho com o método investigativo carrega um diferencial significativo na relação de poder em sala de aula, traz consigo uma concepção de ensino aprendizagem onde o aluno tem um papel ativo e o professor a função de mediador. Isto leva a uma mudança na perspectiva de avaliação, pois o aluno deixa de ser o que aprende passivamente e o professor o que ensina. Nessa nova perspectiva, a avaliação não se dará somente em cima do que o aluno aprendeu, mas sim, em como desenvolveu, construiu seu conhecimento. (NODA, 2005).

Ao se utilizar do método de investigação, o professor deve esclarecer que a história que recebemos foi produzida a partir de leituras de determinadas fontes. E, ao trabalhar com estudos de fontes em sala de aula, o professor proporciona ao aluno aprender história com os mesmos instrumentos com que os historiadores a constrói. “O método investigativo favorece as práticas avaliativas, na medida em que coloca o aluno em situações variadas de aprendizagem, além de desenvolver sua autonomia e criatividade crítica”. (Noda, 2005, p. 150).

A educadora Jussara Hoffmann (2004) traz reflexões sobre a avaliação na construção de aprendizagens significativas na disciplina de História. Alerta sobre a multidimensionalidade da tarefa de avaliar a aprendizagem. Não se pode mais acreditar que é possível descrever e analisar o processo de aprendizagem, que é complexo, a partir de registros numéricos ou conceituais vindos de um ou dois testes ou provas realizados pelos alunos. Além da complexidade própria da avaliação da aprendizagem, é preciso levar em conta as dimensões do ensino em cada área do conhecimento. O educador precisa ter clareza e conhecimento sobre o que é avaliar e aprender, e o que representa aprender História “na contemporaneidade e em relação à população estudantil do nosso tempo”.

Para que se desenvolvam práticas avaliativas mediadoras em História é preciso

refletir sobre o que significa promover de fato o desenvolvimento do aluno nessa área. Para Hoffmann (2004), existem algumas dimensões próprias de cada área que interferem diferentemente no processo avaliativo. Na disciplina de História:

(...) diz Bergamaschi (2002) (...) mais importante que conteúdos de História de caráter fático, é necessário que, no Ensino Fundamental, os alunos construam noções temporais básicas para localizarem-se e organizarem-se no tempo histórico, diferenciarem e relacionarem temporalidades, identificarem referências e medições temporais, perceberem a existência de diferentes ritmos e épocas e compreenderem que tempo é uma convenção social. Complementa a autora que tal concepção do ensino de História sugere o entrelaçamento de histórias individuais e coletivas dos alunos e irá se valer de várias fontes de informação, como jornais, livros, depoimentos, documentos familiares, a organização de linhas de tempo com acontecimentos significativos vividos por eles em suas cidades e regiões. (HOFFMANN, 2004, Não paginado).

Com a concepção de ensino em História trazida pelas autoras citadas anteriormente, percebemos que o cenário avaliativo deve ser diferente da prática tradicional, no sentido de que as tarefas avaliativas propostas deverão valorizar, principalmente, “expressões singulares de noções de tempo e lugar, construídas pelos estudantes, o ‘aprender a ser e conviver em determinado espaço de pertencimento’, a formação de identidades, da própria cidadania”. (Hoffmann, 2004, Não paginado).

O acompanhamento do aluno deve ocorrer através de tarefas que permitam a expressão de suas ideias e de suas vivências, preferencialmente dissertativas, tais como narrativas e textos. E “a análise de tais tarefas dissertativas representará uma questão de abordagem multidimensional, pelo caráter qualitativo e subjetivo que a leitura de seus textos poderá implicar”. (HOFFMANN, 2004, Não paginado).

Acredita-se que os alunos estarão sendo preparados para enfrentar o mundo quando as avaliações sejam compreendidas como parte integrante de uma prática metodológica que busque significado no saber que se constrói em sala de aula, (NODA, 2005), ou seja, que busque construir uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ALEGRO, R. C. **Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no Ensino Médio**. 2008. 239 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, Marília, 2008. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/alegro_rc_ms_mar.pdf>. Acesso em: 25 set. 2018.

BASCHEIRA, D. A. P. **Ensino de História e projeto integrado**: possibilidades para a geração de

aprendizagens significativas no Ensino Médio. 2015. 133 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/1096/Dissertacao%20Deise%20Angelica%20Pasquali%20Bascheira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 25 set. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra. 1996. p. 57-76. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/143565/mod_resource/content/2/Texto6-Freire-1parte.pdf>. Acesso em 26 out. 2018.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____. **Avaliação: Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

_____. **O cenário da avaliação no ensino de ciências, história e geografia**. In: SILVA, J. F.; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M. T. (Org.). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo*. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2004. Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Avalia%C3%A7%C3%A3o/Avaliando%20a%20avalia%C3%A7%C3%A3o%20no%20ensino%20de%20ci%C3%A4ncias,%20hist%C3%B3ria%20e%20geografia.doc>>. Acesso em 25 set. 2018.

MOREIRA, M. A. O que é afinal, aprendizagem significativa? **Revista Currículum**, La Laguna, Espanha, p. 1-27, 2012. Disponível em: <<https://www.if.ufrgs.br/~moreira/oqueeafinal.pdf>>. Acesso em 26 out. 2018.

_____. **Aprendizagem significativa: um conceito subjacente**. In: Moreira, M.A.; Caballero, M.C.; Rodríguez, M.L. (orgs.) *Actas del Encuentro Internacional sobre el Aprendizaje Significativo*. Burgos, España. p. 19-44., 1997. Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigsubport.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

NODA, M. Avaliação e novas perspectivas de aprendizagem em História. **História & Ensino**, Londrina, v. 11, p. 143-152, jul. 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11843>>. Acesso em: 25 set. 2018.

PENNA, F. A. **Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula: a relação entre o tempo histórico e a aprendizagem significativa no ensino de história**. In: XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas, Rio de Janeiro, p. 1-9, 2014. Disponível em: <http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400551647_ARQUIVO_PENNA.pdf>. Acesso em: 18 out. 2018.

RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. **Revista história da historiografia**, v. 2, n. 2, p. 163-209, mar., 2009. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12/12>>. Acesso em: 25 set. 2018.

_____. **Razão Histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UNB, 2010a.

SCHEINER, L. Aprendizagem Significativa Crítica e Ensino De História algumas reflexões a partir do Labhum. **ENCONTROS**, v. 10, n 18, p. 25-34, 2012. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/viewFile/419/354>>. Acesso em 25 set. 2018.

SCHMIDT, M. A.; URBAN, A. C. Aprendizagem e formação da consciência histórica: possibilidades de pesquisa em Educação Histórica. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 60, p. 17-42, abr./jun., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n60/1984-0411-er-60-00013.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.

SEFFNER, F. Aprender e ensinar história: como jogar com isso? In: GIACOMONI, M. P.; PEREIRA, N. M. (Org.) **Jogos e ensino de História**. Porto Alegre: Evangraf, 2013a, p. 25-46.

_____. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (Org.) **Jogos e ensino de História**. Porto Alegre: Evangraf, 2013b, p. 47-62.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação**: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar. 15. Ed. São Paulo: Libertad, 2005.

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 5, 8, 3, 4, 8, 9, 56, 59, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 182, 186, 187, 188, 189, 193, 194, 195, 204, 227

Alimentação 9, 5, 98, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 195, 202, 204, 210, 211, 216, 217, 218, 219, 221, 225, 230

Aprendizagem 7, 10, 11, 14, 16, 17, 21, 22

Árabes 193, 194, 195, 196, 197, 199

Avaliação 12, 13, 14, 16, 18, 19, 21, 22, 48, 117, 165, 173, 177

B

BNCC 5, 7, 27, 30, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

C

Cibercultura 9, 158, 159

Comida 9, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 199, 201, 211, 212, 215, 216, 217, 225, 235

Cozinha 9, 184, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 216, 225

Criatividade 9, 19, 35, 158, 159, 160, 161, 162, 179

D

Desigualdades Sociais 8, 2, 96, 98, 99, 105

Disputa 5, 8, 43, 49, 57, 58, 76, 83, 85, 86, 117, 145

Diversidade Cultural 7, 1, 26

E

Ensino de História 5, 7, 1, 2, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 23, 26, 27, 30, 34, 38, 39, 43, 55, 58, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 75, 114, 236

Epistemologia 9, 14, 164, 165, 168, 171, 180

Escravidão 7, 8, 59, 63, 65, 66, 67, 79, 80, 100, 104, 106, 137, 140, 182, 183, 191

F

Fontes 5, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 52, 57, 58, 79, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 107, 110, 111, 115, 116, 122, 123, 130, 132, 134, 135, 136, 142, 146, 149, 150, 165, 215

H

História 2, 5, 6, 7, 8, 9, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 82,

85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 120, 122, 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 148, 149, 151, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 180, 182, 184, 190, 192, 193, 199, 200, 201, 202, 204, 207, 208, 209, 210, 219, 220, 223, 224, 234, 235, 236

História da ciência 5, 9, 164, 165

Homogeneização 7, 56

Hospitalidade 9, 200, 202, 220, 222

I

Identidade 9, 3, 5, 6, 7, 8, 25, 27, 28, 38, 48, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 76, 77, 80, 81, 86, 87, 128, 131, 133, 136, 177, 192, 198, 199, 201, 225, 234

Imprensa 5, 8, 55, 58, 109, 111, 115, 116, 119, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 144, 146, 148, 149, 150

L

Literatura Generativa 9, 158, 162

M

Memória 5, 6, 7, 24, 26, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 86, 107, 110, 112, 115, 122, 123, 124, 126, 133, 171, 172, 187, 196, 197, 198, 200, 229, 234, 236

Metodologia 13, 15, 24, 52, 54, 89, 94, 96, 99, 106, 170, 199, 202, 204, 236

N

Narrativas 5, 8, 9, 20, 27, 58, 59, 60, 65, 66, 76, 77, 83, 86, 92, 93, 126, 128, 201, 202, 204, 211, 212, 216, 217

P

PIBID 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9

Q

Questões étnico-raciais 5, 78, 82

R

Raça 5, 8, 8, 60, 64, 66, 74, 79, 80, 81, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 105, 106

Recife 76, 84, 85, 186, 223, 227, 229, 230, 232, 233, 234, 235

Relatos 9, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 142, 143, 165, 202, 204, 205, 210, 222, 223

RELATOS 8, 89, 92

Representação 7, 27, 54, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 69, 80, 91, 94, 96, 134, 180, 215, 217, 225

S

Sabores 9, 182, 193, 194, 196, 197, 199, 200, 201, 215

Século XIX 9, 87, 223

Sigilo 8, 150, 153, 156

T

Técnicas 9, 37, 45, 61, 79, 99, 160, 161, 171, 176, 177, 179, 180, 195, 196, 197

Tecnologia 5, 9, 51, 70, 153, 156, 158, 159, 167, 171, 172, 173, 174, 176, 177

Trabalho 9, 3, 5, 8, 11, 13, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 28, 29, 30, 32, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 74, 76, 77, 78, 83, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105, 109, 111, 116, 125, 126, 132, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 148, 154, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 182, 183, 184, 187, 189, 190, 191, 193, 195, 199, 207, 224

W

Wakanda 8, 68, 69, 75

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 3